

APRESENTAÇÃO

Línguas em contato: perspectivas sociolinguísticas

Gudrun Ledegen^a

Telma Pereira^b

A elaboração deste número 54 da revista *Gragoatá*, cujo tema é “Línguas em contato: perspectivas sociolinguísticas”, foi realizada ao longo do ano de 2020, um período pautado pelos pedidos de distanciamento social e pelo impacto que a pandemia pela Covid-19 causou na vida de todos. Em Sociolinguística, uma das premissas é a de que a língua não existe sem os seus falantes. Logo, trazer reflexões sobre o contato entre línguas, em um contexto mundialmente difícil, foi um desafio coletivo enfrentado pelos autores, pareceristas e revisores, pela equipe editorial e pelas organizadoras da revista. Em relação à organização, esse número marca a cooperação, no âmbito do Programa Institucional de Internacionalização (PrINT) da CAPES, entre a Universidade Federal Fluminense e a Université de Rennes 2, com o Projeto Multilinguismo, direitos linguísticos e desigualdade social.

O conceito de línguas em contato tem como referência o livro *Languages in contact*, de Uriel Weinreich, publicado em 1953. O estudo de Weinreich vem sendo utilizado para caracterizar situações nas quais a presença de duas ou mais línguas afeta o comportamento linguístico de uma comunidade. A importância do tema para a área de linguagens reside no fato de que o contato linguístico está

^a Université de Rennes 2, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação. Rennes, França.
E-mail: gudrun.ledegen@orange.fr

^b Universidade Federal Fluminense, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas;
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. E-mail: talmeida@id.uff.br

Como citar:

Ledegen, G.; Pereira, T. Línguas em contato: perspectivas sociolinguísticas. *Gragoatá*, Niterói, v.26, n.54, p. 5-10, 2021. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i54.48792>>

diretamente relacionado com os processos de mudança e de variação linguística, além de fazer parte de discussões sobre as normas endógenas, os contextos de fronteiras, os movimentos migratórios, os projetos de dominação cultural, os movimentos identitários e, ainda, sobre educação linguística. Assim, os 16 artigos que dão vida a essa edição da *Gragoatá* têm os usuários de diferentes línguas, em diferentes contextos de usos, no centro de suas perspectivas em torno de temas derivados das línguas em contato. As reflexões apresentadas aqui evidenciam muitas vezes as relações de conflito inerentes a essas situações.

Considerando a estreita relação entre o surgimento da área de estudos em Sociolinguística e o tema línguas em contato, convidamos, para abrir este número da *Gragoatá*, o sociolinguista Louis-Jean Calvet. Seu artigo, intitulado “Autour d’Uriel Weinreich: langues en contact et sociolinguistique”, convida-nos a revisitar algumas das principais bases teóricas do conceito de línguas em contato do século XX. O autor destaca a contribuição da obra de Weinreich para a constituição e a consolidação da Sociolinguística como área de pesquisa, colocando ainda em evidência os trabalhos de André Martinet, William Labov, dos linguistas do Círculo Linguístico de Nova York e da revista *Word*.

Em seguida, os leitores poderão apreciar as perspectivas que se declinam em torno, principalmente, das normas endógenas. Essas perspectivas oferecem importantes reflexões para o estudo do contato e do pluricentrismo linguístico. O artigo de Bruno Moretti, “Italian in Switzerland: statistical data and sociolinguistic varieties”, apresenta a situação do italiano nos cantões de Ticino e de Graubünden, assim como a standardização do italiano suíço. Para isso, Moretti descreve a sobreposição funcional entre as duas variedades da língua e discute os modelos de standardização das línguas pluricêntricas.

Continuando a discussão sobre normas endógenas, o artigo de Gilles Forlot, “Normes endogènes et contre-normes dans les ‘anglais du monde’: modèles d’analyse et terrains de la modernité avancée”, fornece-nos uma visão de modelos e teorias em torno das questões das normas do inglês no mundo, principalmente nas sociedades pós-coloniais. O autor propõe que, para entender o desenvolvimento do inglês no mundo, é preciso considerar perspectivas dinâmicas o suficiente para

levar em conta uma variedade de fenômenos que as sociedades enfrentam, como a migração, a circulação contemporânea de bens e pessoas, as interações virtuais e as mobilidades, assim como a mercantilização das línguas.

Em “French from here, is it french? The construction of normativity judgements in peripheral european francophone communities”, Michel Francard aborda a variação diatópica do francês e de sua relação com o discurso normativo, mais especificamente o francês praticado na Bélgica, com ênfase no léxico e na sintaxe. O autor propõe um questionamento da identidade dos atores responsáveis pela construção de juízos de normatividade da língua.

O artigo “The production of the francophone. A discursive construction”, de Jean-Marie Kinklenberg reforça o olhar crítico sobre a francofonia. O autor propõe uma análise discursiva das principais fases na evolução do discurso sobre o mundo francófono e o falante francófonos. Kinklenberg destaca a necessidade de se levar em consideração as características específicas de cada uma das áreas culturais da francofonia.

O texto de Hélène Cajolet-Laganière, atuante defensora de uma norma endógena quebequense, discute as ações de planejamento da variação linguística no dicionário eletrônico *Usito*. A autora, que coordena a equipe de criação do *Usito*, na Université de Sherbrooke (Canadá), apresenta-nos exemplos do tratamento da variação linguística, da hierarquização dos usos e dos marcadores de identidade cultural nas marcas normativas que pertencem à norma endógena do Québec.

Mudando a perspectiva para o continente africano, Gregório Firmino também contribui para a discussão em torno das normas endógenas em seu artigo “Ascensão de uma norma endógena do português em Moçambique: desafios e perspectivas”. Neste artigo, Firmino aponta que a língua portuguesa em Moçambique está em processo de nativização, gerando uma variedade heterogênea com traços endógenos, em um ambiente onde a norma europeia da língua portuguesa ainda é formalmente influente.

Carlos Deoclécio e Marcos Bagno, com o artigo “Estandarização e standardologia: notas sobre a norma linguística”, apontam linhas de trabalho que constituem as possibilidades, a análise e as ações sobre a estandarização

linguística, enriquecendo o debate sobre a elaboração de uma nova norma de referência para o português brasileiro.

Em “A variação na concordância de número no sintagma nominal no português rural da serra fluminense: deriva ou contato?”, Jaqueline de Moraes Thurler Dália e Dante Luccchesi abordam o contato linguístico com base em uma análise sociolinguística, em tempo aparente, da variação na concordância de número no Sintagma Nominal (SN) no português rural da Região Serrana do estado do Rio de Janeiro. Os autores acreditam que esse é o resultado de uma mudança induzida pelo contato entre línguas, considerando a história sociolinguística do Brasil como um todo e, particularmente, o multilinguismo presente na história da região, que congregou colonos suíços e alemães, além de colonos portugueses e brasileiros e africanos escravizados.

O contato entre o quimbundo e o português é o tema do artigo “O quimbundo e o português do Libolo (Angola): línguas em contato”, de Paulo Jeferson Pilar Araújo e de Margarida Petter. Os autores trazem dados da língua quimbundo que corroboram a situação de contato entre essa língua banta e a variedade de português na região plurilíngue do Libolo (Angola) e destacam que essa relação pode contribuir para as discussões sobre um *continuum* afro-brasileiro de português.

Na entrevista que a Professora Konstanze Jungbluth realizou com a sociolinguista Brita Schneider, a discussão é pautada, sobretudo, no contexto do Belize, país multiétnico e multicultural localizado na costa leste da América Central. Brita Schneider destaca o papel da pesquisa etnográfica para entender as escolhas linguísticas dos falantes belizenhos, que usam o *kriol* como símbolo de pertencimento.

O contato de línguas envolvendo contextos de migração e de refúgio podem ser observados na sequência de dois artigos. O primeiro, intitulado “Migration in the context of a multination state: language policies, division and intolerance in south Tyrol”, é o artigo de Luana Rocha e Débora Costa, sobre os migrantes na região do Tirol do Sul, no extremo norte da Itália. As autoras mostram como as políticas linguísticas afetam os migrantes que vivem nessa localidade e o que eles pensam em relação à política de declaração de filiação ou agregação linguística e de divisão na sociedade. Os dados levantados por Rocha e Costa apontam que os tópicos de racismo e de xenofobia

foram levantados pelos participantes, sendo relacionados com questões linguísticas de não- legitimação do falante.

Na sequência, em “Direitos linguísticos de solicitantes de refúgio no Brasil: a presença do mediador linguístico na entrevista de solicitação de refúgio como garantia de direitos humanos”, Ana Balestro e Sabine Gorovitz partem de um referencial teórico baseado na área de estudos em Política Linguística e em Glotopolítica para colocar em pauta a discussão sobre as fronteiras linguísticas que devem ser ultrapassadas pelo solicitante de refúgio no Brasil. As pesquisadoras destacam o trabalho do Grupo de Pesquisa Mobilidade e Contato de Línguas - MOBILANG, da Universidade de Brasília (UnB), para ilustrar as ações e os estudos das mobilidades de população e dos fenômenos decorrentes do contato de línguas

Em torno das práticas e das ideologias linguísticas dos falantes em situações de contato, temos os artigos de Savedra, Rosenberg e Macedo, intitulado “Language and ethnicity among coloured students in Cape Town”, e o artigo “Famílias em situação plurilíngue: ideologias linguísticas” de Karen Pupp Spinassé e Isabella Mozzillo. No primeiro, com o suporte teórico antropológico da etnicidade, os autores apresentam a relação entre a língua *afrikaans*, falada por estudantes universitários membros da etnia *Coloured*, e a sua identidade linguística e étnica, na Cidade do Cabo, situada na província do Cabo Ocidental sul africano. Os autores discutem principalmente as práticas linguísticas dos falantes *coloureds*. Spinassé e Mozzillo, por sua vez, abordam as ideologias linguísticas presentes no discurso de membros de famílias em situação plurilíngue. As autoras destacam ser a consciência discursiva uma forma de monitoramento reflexivo que permite aos falantes discutir explicitamente as ideologias.

Finalizamos o presente número com um exemplo de abordagem entre línguas em contato e educação linguística, especificamente em línguas estrangeiras, em contexto de país que faz fronteira com o Brasil. No artigo “Análisis glotopolítico de manuales escolares de portugués en Argentina y de español en Brasil: tensiones en la representación de los paradigmas verbales y pronominales”, Virginia Rubio Scola realiza uma análise glotopolítica dos livros didáticos utilizados nas escolas da Argentina e do Brasil, durante o período 2003-2015, para o

ensino das duas línguas como línguas estrangeiras tanto no Brasil como na Argentina.

As perspectivas que selecionamos são algumas das inúmeras possibilidades de abordagens das situações marcadas pelo contato linguístico. Gostaríamos de agradecer a preciosa colaboração das doutorandas Shirlei Baptistone e Nina Riout, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF, para a organização desse número de *Gragoatá*.

Desejamos uma excelente leitura a todos.

Gudrun Ledegen é Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade de Tours, na França. Professora e pesquisadora em sociolinguística na Universidade de Rennes. Atua na área de análises das dinâmicas sociolinguísticas francófonas plurilíngues. Autora de várias obras sobre variação e normas linguísticas. Participa do Projeto “Multilinguismo, direitos linguísticos e desigualdade social” (CAPES-PrInt-UFF).

Telma Pereira é Doutora em Letras pela PUC-Rio. Realizou estágio de doutorado na Universidade Aix-Marseille. Desenvolve pesquisas e orienta na área de sociolinguística, linguística aplicada e línguas e culturas em contato. Participa do Projeto “Multilinguismo, direitos linguísticos e desigualdade social” (CAPES-PrInt-UFF).